

**ASPECTOS DO ECOSISTEMA LINGUÍSTICO DA RESERVA  
EXTRATIVISTA RIO OURO PRETO: UM ESTUDO LEXICAL<sup>1</sup>**

**Bethânia Moreira da Silva<sup>2</sup>  
Auxiliadora dos Santos Pinto<sup>3</sup>**

**Resumo**

Este artigo apresenta algumas variações lexicais presentes nas falas de populações tradicionais da comunidade Nova Colônia, na Reserva Extrativista Rio Ouro Preto<sup>4</sup>. O estudo, de natureza qualitativa, foi realizado no período de abril a novembro de 2012, através de uma metodologia crítica, dialógica e dialética voltada para a identificação, descrição e análise das variações lexicais e socioculturais, destacando os possíveis fatores linguísticos e sociais que concorrem e contribuem para formação do ecossistema linguístico da referida localidade. A análise do *corpus* possibilitou a realização do registro da variação lexical utilizada na RESEX Rio Ouro Preto e a identificação dos sentidos atribuídos a cada termo em seus respectivos contextos de uso. Destacou-se também a contribuição dessa variedade linguística para a constituição do ecossistema linguístico do município de Guajará-Mirim.

**Palavras-chave:** Reserva; Extrativismo; Ouro Preto; Linguagem e Identidade; Variação lexical; Falar ribeirinho.

**Resumen**

Este artículo presenta algunas variaciones léxicas presentes en los discursos de la comunidad tradicional Nova Colonia, en la Reserva Extractiva Rio Ouro Preto. El estudio fue de carácter cualitativo, se llevó a cabo entre abril y noviembre de 2012, através de una metodología crítica, dialéctica y dialógica se centró en la identificación, descripción y análisis de los cambios léxicos y socioculturales, destacando los posibles factores linguísticos y sociales que contribuyen y contribuirán a la formación del ecossistema linguístico de esa localidade. El análisis del *Corpus* permitió la realización de registro en la variación léxica utilizada en RESEX Rio Ouro Preto y la identificación de significados que se atribuyen a cada término en sus respectivos contextos de uso. Otro punto a destacar fue la contribución de esta variedad linguística a la constitución del ecossistema linguístico del município de Guajará-Mirim.

**Palabras clave:** Reserva; Extrativismo; Ouro Preto; Lengua e Identidad; Variación léxica; Discurso orilla de río.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Curso de Letras, do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem, Campus de Guajará-Mirim/RO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Acadêmica do VIII período do Curso de Letras – Campus de Guajará-Mirim/RO.

<sup>3</sup> Mestre em Linguística. Professora Assistente II do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem – Campus de Guajará-Mirim/RO.

<sup>4</sup> Doravante, utilizaremos, em todo o trabalho, a denominação RESEX Rio Ouro Preto.

## Introdução

Na Amazônia brasileira, perdura, por séculos, um importante fator de diferenciação linguística, proveniente da diversidade étnica e do processo de miscigenação ocorridos entre os povos nativos (índios), negros, europeus e sertanistas formando uma população cabocla. De forma peculiar, a cultura amazônica manifesta-se nas músicas, nas danças, nos saberes e rituais dos povos, transformando-se em uma cultura com marcas identitárias significativas para a constituição e reconhecimento de um ecossistema plurilinguístico. Com base nesses pressupostos, este trabalho objetiva apresentar o resultado de um estudo investigativo sobre as variações linguísticas lexicais identificadas na fala de moradores da Comunidade Nova Colônia, na RESEX Rio Ouro Preto<sup>5</sup>.

A pesquisa foi norteada pelas seguintes problematizações: quais os aspectos do ecossistema linguístico da RESEX Rio Ouro Preto que contribuem para a formação das variações lexicais da comunidade local? Como se organiza e estrutura a formação do léxico utilizado pelas populações tradicionais da RESEX Rio Ouro Preto?

O estudo dessa temática é importante porque irá contribuir para a compreensão e registro dos falares que compõem o ecossistema linguístico do município de Guajará-Mirim/RO. Além disso, após os estudos linguísticos desenvolvidos no curso de Letras e observações das pesquisas já realizadas, verificamos que ainda não há estudos sobre a diversidade lexical evidenciada na fala dessa comunidade ribeirinha- extrativista.

Assim sendo, definimos como objetivos específicos: descrever o perfil sociocultural da comunidade em estudo, a fim de reconhecer o espaço no qual estão inseridas as Populações Tradicionais da RESEX Rio Ouro Preto; realizar um estudo sócio-histórico para investigar as possíveis transformações socioculturais e linguísticas que influenciaram as comunidades extrativistas da RESEX Rio Ouro Preto; registrar algumas palavras e/ou expressões das falas dos moradores, identificando os sentidos atribuídos a cada termo e seus respectivos contextos de uso; fazer uma análise lexical das referidas lexias, destacando-se as marcas identitárias que contribuem para a formação do

---

<sup>5</sup> Que é formada pelas comunidades: Nova Colônia, Ramal do Pompeu, Nossa Senhora dos Seringueiros, Nova Esperança, Ramal dos Macacos, Floresta, Divino Espírito Santo, Três Josés, Ouro Negro, Petrópolis, Sepitiba.

ecossistema linguístico da RESEX Rio Ouro Preto e contribuir para o desenvolvimento dos estudos e pesquisas sociolinguísticas na Amazônia brasileira.

O referencial teórico que fundamentou o trabalho foi constituído pelos princípios norteadores dos estudos variacionistas apresentados por Tarallo (2005); a partir das relações entre linguagem, cultura e sociedade estabelecidas por Mussalim & Bentes (2009); a partir das ideias de Ferrarezi (2002 e 2008) que concebe a palavra como uma construção social e cultural; pela noção de cultura Amazônia e das múltiplas representações dos sujeitos amazônicos apresentadas por Loureiro (2001); Fraxe (2004), que apresenta as características da cultura cabocla-ribeirinha, destacando a importância do rio para as construções das representações linguísticas e culturais dos sujeitos amazônicos e outros.

A pesquisa, de natureza qualitativa foi realizada a partir dos aportes teóricos da Sociolinguística variacionista e orientada por uma metodologia crítica, dialógica e dialética, voltada para identificação, descrição e análise das variações lexicais. Inicialmente, foram realizados estudos bibliográficos em livros e artigos sobre o tema da pesquisa. Posteriormente, realizou-se a pesquisa documental para se obter informações, de cunho histórico, geográfico, econômico e social, sobre a área a ser pesquisada.

Pretende-se, com essa pesquisa, contribuir para o registro, o reconhecimento e a valorização da variedade linguística do português brasileiro falado na RESEX Rio Ouro Preto, no município de Guajará-Mirim/RO.

## **1 A Reserva Extrativista rio Ouro Preto: constituição geográfica e socio-histórica<sup>6</sup>**

A RESEX Rio Ouro Preto abrange uma área de 204.583 hectares e localiza-se no extremo Oeste do estado de Rondônia, nos municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré. Limita-se ao Norte com a República da Bolívia, Terra Indígena Lage e Parque Estadual de Guajará-Mirim, ao Sul e oeste com a Reserva Biológica Estadual do Rio Ouro Preto e Reserva Extrativista

---

<sup>6</sup> Caracterização baseada na obra: CAMPOS, Simone Vieira de. Caracterização da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente – ICMBio, 2009 e DORIA, Carolina R. C. & AZEVEDO-RAMOS, Cláudia. Ecoturismo na Amazônia: Alternativa de Renda para Comunidades Locais?-Porto-Velho: EDUFRO, 2007.

Estadual do Pacaás Novos, e ao Leste com a Terra indígena Uru-eu-wau-wau. Sua história de colonização e povoamento está inserida no contexto histórico de ocupação da Amazônia Brasileira, sendo marcada pelos ciclos da borracha, pelo ciclo da agricultura, ocorrida nos anos 70 e pela formação do estado de Rondônia.

Desde a sua colonização, nos séculos XVII e XVIII até metade do século XX, a Amazônia Brasileira, desenvolveu-se, quase que exclusivamente, em torno do extrativismo vegetal, seja da borracha, seja da castanha. Segundo Doria & Azevedo-Ramos (2007), a economia extrativista dominou a formação histórica e econômica da Amazônia. Foi por meio das matérias primas<sup>7</sup> que a região constituiu-se politicamente e ganhou reconhecimento nos mercados internacionais.

Nos séculos XIX e XX, durante a 2ª Guerra Mundial, a dependência dos mercados mundiais pela goma elástica (látex) foi determinante para que o estado brasileiro promovesse uma política de colonização na Amazônia enviando para as áreas extrativistas um grande número de migrantes nordestinos, denominados “Soldados da Borracha”, a fim de realizarem a exploração vegetal na região. Contudo, a partir da década de 1970, na busca pelo desenvolvimento da Amazônia, critica-se a colonização baseada na economia extrativista, colocando-a como culpada pela não estruturação de uma sociedade, pelo não desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente, de seu povo.

Diante desse cenário, foram criados pelo INCRA, os primeiros assentamentos dirigidos com o fim de reforma agrária. Naquele período, observou-se o ciclo econômico expansionista da Amazônia, incentivado por uma série de medidas adotadas pelo Estado para a dinamização econômica, com a implantação dos grandes projetos em setores estratégicos de energia, mineração, agroindústria e agropecuária. Iniciaram-se também os projetos de colonização na região, em decorrências da tensão criada com o processo de

---

<sup>7</sup> Desde os primeiros contatos com os nativos da Amazônia, os europeus tomaram conhecimento do proveito do látex através dos indígenas Omágua, que utilizavam para vários artefatos. Até o princípio do século XIX, esse produto era utilizado na Europa como borracha de apagar e ainda sob forma de outros utensílios como bombas de sucção, botas e bolas. No Oeste amazônico, mas precisamente em Rondônia, as primeiras explorações ocorreram a partir da segunda metade do século XIX com a ocupação do vale do Madeira e do Guaporé. (TEIXEIRA & DANTE, 2001).

transformação capitalista ocorrido na agricultura e o crescimento da organização social no campo (MICHELOTTI, 2001 apud AZEVEDO RAMOS, 2007). “Esses projetos de desenvolvimento da Amazônia [...] impuseram enormes ônus sociais, culturais e ambientais, convertendo terras, floresta e rios em estradas, [...], desmantelando o que tornava a região singular.” (ARNT, 1994 apud AZEVEDO-RAMOS, 2007, p.21).

Na busca de modelos de desenvolvimento para Amazônia, em meio a um cenário de conflitos sociais pela posse da terra, queda dos incentivos ao setor florestal (e estímulo à agricultura) e crise no mercado da borracha, iniciou-se o movimento dos seringueiros, lutando pelo reconhecimento de seus direitos como trabalhadores do extrativismo e proprietários da terra.

Em 1989, as Reservas Extrativistas foram legitimadas, através da Lei nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990, tendo como executor o IBAMA. Esta lei tinha como objetivo proteger o espaço territorial de interesse social e ecológico, garantindo os meios de vida, sustentabilidade e condições de reprodução física e cultural da população extrativista que tradicionalmente habitava naquelas áreas.

De acordo com Campos (2009 p.13), “O zoneamento econômico-ecológico de Rondônia, definiu a Zona IV (Guajará-Mirim e Nova Mamoré) como base para o assentamento e desenvolvimento do extrativismo em Rondônia.” Essa divisão somada à vontade dos moradores daquelas áreas fez com que fosse definido, definitivamente, o tão sonhado zoneamento agrário.

Assim, em 13 de março de 1990, sob o decreto nº. 99.166 foi criada, em Guajará-mirim e Nova Mamoré, a Reserva Extrativista Rio Ouro Preto, com o objetivo de assentar ribeirinhos, seringueiros, pescadores e seus moradores antigos, dando-lhes o direito de posse e utilização da terra com auto-sustentabilidade e conservação dos recursos naturais renováveis.

A população da RESEX Rio Ouro Preto é composta, naturalmente, por pessoas caracterizadas como populações tradicionais. Esses sujeitos amazônicos estão intimamente ligados à preservação dos valores culturais, de tradições históricas sociais originárias de seu processo de formação<sup>8</sup>, sem,

---

<sup>8</sup> Conforme já foi mencionado, a população da RESEX é formada por diversas etnias: índios, negros, europeus e sertanistas formando uma população cabocla.

contudo, deixar de aderir ao que é novo, ao que é moderno, estando, portanto, sempre em sintonia com as mudanças que ocorrem na região e com as que chegam até ela.

De acordo com o último diagnóstico socioeconômico realizado no ano de 2009 pelo ICMBio, a estimativa de populações tradicionais ribeirinho-extrativistas é de 642 habitantes e cerca de 175 famílias, distribuída nas comunidades de: Nova Colônia, Ramal do Pompeu, Nossa Senhora dos Seringueiros, Nova Esperança, Ramal dos Macacos, Floresta, Divino Espírito Santo, Três Josés, Ouro Negro, Petrópolis e Sepitiba. E ainda por populações não extrativistas que moram nas áreas de proposta de exclusão e práticas pecuaristas, sobretudo, não consideradas “beneficiárias” não incluídas no índice número populacionais. (CAMPOS, 2009).

Tratando-se da questão cultural, a RESEX Rio Ouro Preto tem um demonstrativo de vários fatores que influenciam o maior ou menor envolvimento dos moradores em atividades festivas, recreativas e políticas. Pode-se dizer que, além das atividades coletivas ou cooperativas relacionadas às atividades produtivas e/ou de subsistência observadas na RESEX Rio Ouro Preto, acontecem outras manifestações: festejos, encontros religiosos, campeonato de futebol, reuniões políticas e familiares.

De acordo com Campos (2009) e a partir das conversas informais com os moradores da RESEX Rio Ouro Preto, os festejos mais comuns nas comunidades são: Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre, em maio, na comunidade do mesmo nome; Festa de Santa Luzia, realizada na comunidade dos Seringueiros no dia 13 de dezembro; Encontro da Comunidade Nossa Senhora dos Seringueiros, que acontece no dia 25 de dezembro. Existem também alguns festejos que não são realizados todo ano, como: Festa de São João e de São Pedro, que geralmente acontecem no mês de junho; Nossa Senhora do Seringueiro, que acontece no mês de dezembro. Além desses festejos, existem os encontros para jogos futebolísticos e reuniões das associações dos moradores.

Nesse contexto, na RESEX Rio Ouro Preto, a cultura que se distingue pelo modo de vida particular, pela identidade, pela história da formação das comunidades, pelos valores culturais de uma população tradicional ribeirinha, cujas ações são propícias para a conservação do meio

em que os sujeitos vivem. O perfil social observável nas comunidades é formado por indígenas, agricultores, seringueiros e ribeirinhos. Esses povos vivem em harmonia, fraternidade e cooperação.

As práticas extrativistas são ecologicamente sustentáveis e a exploração dos recursos naturais é apontada como melhor forma de valorização da região, garantindo o controle do acesso aos recursos naturais por seus usuários, assegurando assim o direito e reconhecimento regional.

## **2 A sociolinguística e ecossistema linguístico da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto**

A Sociolinguística configura-se como a parte da Linguística que estuda a interrelação entre a linguagem e a sociedade, tendo como objeto de estudo a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal de ser descrita e analisada cientificamente. Sobre esse aspecto, Xavier & Pessoa (2011) afirmam que:

A Sociolinguística apresenta instrumentos capazes de fazer com que o pesquisador compreenda as questões referentes à relação entre linguagem e sociedade. Entendemos que linguagem e sociedade não estão separadas entre si, mas uma depende da outra para a sua realização. É essa relação linguagem-sociedade que é à base de toda a organização humana, pois, é dentro da sociedade, utilizando-se da linguagem como instrumento, que o ser humano se organiza de forma sistemática, produzindo situações de interação social e, assim, vai construindo sua história. [...] ‘as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes’. [...] é através da língua (gem) que o ser humano define, ou tem seu papel definido na sociedade a qual pertence. [...] as pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos’. (XAVIER &PESSOA, 2011, p. 2).

Conforme Mussalim & Bentes (2008, p.21), “[...] a história da humanidade é a história dos seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, isto é, de uma língua”. Assim sendo, a língua como mecanismo de comunicação social constitui uma rede de referências e

valores culturais, passíveis de modificação à medida que surgem novas necessidades de comunicação, e/ou por processos socioculturais e linguísticos.

Nesse sentido, Bagno (2007, p.36) afirma que: “[...] a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução [...]”. A partir dessa perspectiva, pode-se afirmar que a interação sociolinguística dos falantes é um dos fatores determinante para explicar a existência da língua, as mudanças linguísticas e sua relação com a cultura e sociedade. “[...] é um trabalho coletivo empreendido por todos os seus falantes, toda vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (BAGNO, 2007, p. 36).

Por outro lado, Couto (2009) afirma: as línguas mudam e diversificam por fatores ecológicos correspondentes a cada ecossistema linguístico que se constitui de povos, habitando em um mesmo território. “[...] o ecossistema [...] é constituído por uma diversidade de organismo (animais e vegetais), num constante processo de inter-relações, tanto do organismo com o meio ambiente quanto deles entre si.” (COUTO, 2009, p.11). Esse fenômeno diz respeito à relação entre linguagem e sociedade, pois na medida em que os indivíduos se mobilizam no contexto social, as mudanças vão sendo implementadas. “[...] o mais importante nos ecossistemas não são os aspectos bióticos e os abióticos em si [...] mas as interrelações que se dão entre eles”. (COUTO, 2009, p.33).

De acordo com Couto (2009), quando há interação entre os organismos do meio ambiente, há o surgimento, expansão ou/e mudança de uma língua proporcionando a variação linguística. É por meio dessa interrelação que os organismos promovem a comunicação e atribuem sentidos aos elementos constituidores da língua. “[...] uma língua é viva na medida em que é usada em atos de interação comunicativa, podendo formar-se e transforma-se em função dos atos de interação, ou da ausência deles”. (COUTO, 2009, p.45).

Dessa forma, considerando que o ecossistema linguístico da RESEX Rio Ouro Preto é formado a partir da interação das populações que as compuseram: indígenas, agricultores, seringueiros e ribeirinhos, pode-se afirmar que as interrelações entre esses grupos sociais determinam o perfil linguístico da comunidade, pois, reconhecidos como parte das populações



tradicionais, esses sujeitos amazônicos sobrevivem economicamente do extrativismo vegetal e da cultura familiar, agregando um perfil propício para a análise sociolinguística e discussões teóricas a cerca dos fenômenos linguísticos. Pode-se afirmar também que o meio ambiente linguístico, peculiar de cada falante, está propício a diferenciações e variações linguísticas.

Vale ressaltar que a relação íntima com a natureza faz com que esses sujeitos sociais se tornem singulares em meio à diversidade cultural brasileira, preservando os costumes tradicionais dos povos primitivos da Amazônia. Os fatores sociais como: a origem geográfica; o mercado de trabalho; o grau de escolarização; o modo de vida dos moradores ribeirinhos; a reciprocidade originária do isolamento e a necessidade de contato com comunidades urbanas; as atividades produtivas centrais da RESEX Rio Ouro Preto e as interações sociais com outros grupos linguísticos, como indígenas, são determinantes na vida dos moradores por influenciar diretamente a sua maneira de falar.

Além disso, a rusticidade dos meios de vida locais, as dificuldades impostas pelo típico ambiente de densa floresta equatorial, de difícil acesso, entre outros fatores, também tornam as relações de reciprocidade e auxílio mútuo muitas vezes determinante para a criação e troca de produções linguísticas, permitindo o aparecimento dos fenômenos de mudança e variação dentro da comunidade.

## **2.1 Fatores de constituição da cultura e da linguagem ribeirinha**

No que tange à cultura Amazônica, nosso objetivo nesse trabalho é refletir sobre os aspectos que contribuem para a formação da linguagem ribeirinha. Portanto, pretendemos evidenciar a importância das representações na Amazônia, considerando a relação do homem ribeirinho com seu mundo vivido para a constituição da linguagem. De acordo com Loureiro (2001), a Amazônia tem suas raízes históricas marcadas por dois elementos fundamentais: isolamento e identidade. Esses elementos fizeram com que a Amazônia se constituísse em um sistema de vida e trabalho ribeirinho-extrativista que ainda hoje persiste em algumas localidades, configurando-se como patrimônio cultural da humanidade.

Entende-se aqui, por cultura amazônica aquela que tem sua origem ou está influenciada, em primeira instância, pela cultura do caboclo. É evidente que esta é também o produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que em épocas diversas, mais especificamente no período da borracha, migraram para Amazônia (LOUREIRO, 2001, p.39).

Dependendo do rio e da floresta para sobreviver, o caboclo usufrui desses bens, mas também os transfigura permitindo que haja trocas e traduções simbólicas de cultura através das formas auto-expressivas impregnadas pelo real e pelo imaginário. (FRAXE, 2004). No contexto amazônico, a hidrografia é um dos elementos marcantes no desenvolvimento e na constituição da identidade e da cultura do homem ribeirinho. Discutindo sobre esse tema, Amaral (2009 p.133) afirma que: “Os rios da Amazônia podem representar muito mais que um referencial geográfico, podem revelar um significado maior, de um rio personificado que constrói memórias, [...] que repassa ensinamento transmitido pela oralidade [...]”. Essa transmissão da oralidade é o que constitui os sujeitos amazônicos. Para Loureiro (2001, p.126), “O rio é tudo. Ele está intimamente ligado à cultura e à sua expressão simbólica”.

No contexto pesquisado, essa relação de homem/rio proporciona a criação de uma cultura ímpar, constituída em torno da realidade social, dos rios e dos animais, possibilitando, desta forma, que os sujeitos amazônicos se constituam como seres singulares, revelando suas formas de vida. Sobre esse aspecto, Amaral (2009, p. 131) afirma que:

Essa intrínseca associação da cultura Amazônia à cultura ribeirinha é atribuída tanto aos seus traços de originalidade, quanto produto de acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes. Ela reflete a relação do homem com a natureza, tendo o rio como fator dominante que dá um ritmo à vida regional.

Essa representação singular permite que o homem ribeirinho expresse, através da linguagem, suas crenças, ideologias, seus saberes e suas memórias contribuindo, assim, para a constituição do espaço em que vive. Sobre esse tema, Kozel (2009) apud (SOUZA, 2011, p. 06) afirma que: “[...] a representação é uma forma de linguagem impregnada de significados e valores sociais refletindo a realidade ou vivência social dos sujeitos”. Assim sendo, os sentidos, culturalmente construídos por intermédio das paisagens, das

imagens, transformam-se em signos que evidenciam o cotidiano dos práticos<sup>9</sup> ribeirinhos.

## 2.2 Fatores de variação e mudança linguística

Segundo alguns autores da Sociolinguística,<sup>10</sup> o estudo da variação justifica-se pela presença de aspectos linguísticos e extralinguísticos capazes de distinguir a variedade de fala dos indivíduos e provocar a não uniformidade entre as comunidades linguísticas. Nesse sentido, Mollica & Braga (2010, p.9) explicam que: “[...] todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”.

A heterogeneidade linguística, por sua vez, advinda da heterogeneidade sociocultural, é influenciada por aspectos históricos, políticos e econômicos, que confrontados ou não entre si, promovem a diferenciação, conforme a distribuição espacial, sociocultural e cronológica do falante.

Em relação à língua como referência de espaço e tempo, Cardoso, (2010, p.15) afirma que:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e a interferência de outras línguas que se tenha feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Percebe-se, portanto, que para cada espaço existe uma forma de representação da língua, um valor constituído culturalmente, que em confronto ou em relação com outro espaço ou período propicia as diferenciações linguísticas. Por sua vez, essas diferenciações são tendências ou formas alternadas de utilizar a língua<sup>11</sup>, motivadas simultaneamente por fatores diversos, linguísticos e extra-linguísticos inerentes a cada falante ou grupos de falantes sendo possível perceber e identificar membros de uma coletividade.

---

<sup>9</sup> Termo utilizado por SOUZA (2004) para designar o sujeito, nascido ou não na área ribeirinha da Amazônia, que conhece, orienta, navega e pilota os barcos nas épocas das cheias e vazantes.

<sup>10</sup> Dentre eles, destacamos: Mussalim & Bentes (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Mollica & Braga (2010), Dermeval da Hora (2004), Bagno (2007) e outros.

<sup>11</sup> Conforme MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005, p. 31) enfatiza:

[...] a língua é por excelência uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas-socioeconômicas e históricas – que lhe condicionam e explicam em parte sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical).

A autora Bortoni-Ricardo (2005) também destaca a importância da variabilidade no contexto social. Para a autora, a variabilidade assume um mecanismo de identificação social e de pertinências a determinado grupo. Cada enunciado é para o falante um ato de identidade. Assim sendo, as variações linguísticas exercem um papel importante na sociedade, pois correspondem ao legado da humanidade, expressando para cada época e espaço traços singulares em uma cultura plural.

Nesse contexto, pode-se afirmar que o léxico representa as marcas identitárias dos falantes e os traços que indicam sua origem geográfica, status socioeconômico, graus de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais. Em relação a isso, Antunes (2007, p.42) explica que:

[...] o léxico é mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depositário dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo [...] o léxico expressa magistralmente, a função da língua como elemento que confere às pessoas identidades: como indivíduo e como membro pertencente a um grupo.

Portanto, como parte das populações amazônicas, os sujeitos ribeirinhos da RESEX Rio Ouro Preto são propensos a variações linguísticas lexicais condicionadas por fatores extralinguísticos de relevância histórica, cultural, política e social, marcadas, principalmente, pelos contatos dos moradores com outras comunidades linguísticas, permitindo a formação do ecossistema linguístico da comunidade em estudo.

### **3 A pesquisa**

A pesquisa, de natureza qualitativa e de cunho sociolinguístico, foi realizada no período de abril a novembro de 2012. Os sujeitos da pesquisa

foram cinco moradores da comunidade Nova Colônia, na RESEX Rio Ouro Preto<sup>12</sup>.

Na escolha dos informantes, estabelecemos alguns critérios que foram relevantes para a concretização desta etapa da pesquisa: a) foram entrevistadas pessoas nativas<sup>13</sup> da região ou aquelas consideradas como população tradicional<sup>14</sup> da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto; b) foram entrevistadas cinco pessoas<sup>15</sup> de ambos os sexos (homens ou/e mulheres) maiores de que 35 anos<sup>16</sup>.

Abaixo, apresentamos uma breve caracterização dos informantes<sup>17</sup>:

INFORMANTE	IDADE	ESCOLARIDADE	NATURALIDADE	OBS:
A	36 anos	Fundamental Incompleto (4ª série)	Guajará-Mirim-RO	Mora na RESEX há 30 anos
B	53 anos	Não-alfabetizado	Costa Marques-RO	Mora na RESEX há 20 anos
C	53 anos	Fundamental Incompleto (4ª série)	Novo- Ariponã-AM	Mora na RESEX há 06 anos

<sup>12</sup> Neste trabalho, apresentaremos apenas os resultados da pesquisa realizada na comunidade Nova Colônia, as outras comunidades da RESEX serão pesquisadas posteriormente, pois pretendemos dar continuidade a essa pesquisa.

<sup>13</sup> De acordo com Tarallo (2005) nos estudos de comunidades linguísticas o parâmetro de escolha de pessoas nativas evitará que a escolaridade do informante em outras comunidades ou sua interação com falantes de outro centro até a fase crítica da adolescência tenha reflexo sobre a marca sociolinguística do grupo estudado.

<sup>14</sup> As populações tradicionais são consideradas pela ótica ambientalista como populações que preservam valores, tradicionais, de cultura. São populações que por causa de algumas características comuns, são tidas como “tradicionais”. As populações tradicionais são, portanto, dinâmicas, estão em constante mudança, em sintonia com as mudanças que ocorrem na região e que chegam até elas. Estas mudanças não descaracterizam o tradicional, desde que sejam preservados os principais valores que fazem dela uma população conservadora do meio ambiente.

<sup>15</sup> A quantidade 5 informante corresponde à garantia de representatividade da amostra ( modelo de pesquisa proposto por Tarallo, (2005)). De acordo com o autor o tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada e a medida de 5 informantes para cada combinação de fatores extralinguísticos pode ser muito útil para caracterização e definição do universo da amostra.

<sup>16</sup> Acredita-se que nessa idade o falante já possua estabilidade linguística e não sofra muito influencia de outros falantes possibilitando deste modo a caracterização da comunidade de fala.

<sup>17</sup> Na apresentação dos dados, os informantes serão assim caracterizados: “A”, “B”, “C”, “D” e “E”.

D	83 anos	Fundamental Incompleto (1ª série)	Guajará-Mirim-RO	Mora na RESEX há 51 anos
E	72 anos	Não-alfabetizado	Jaci-Paraná-RO	Mora na RESEX há 63 anos

Fonte: Elaborado pela pesquisadora. (2012)

### 3.1 Apresentação e análise dos dados da pesquisa

Os dados da pesquisa foram coletados a partir da observação *in loco*, conversas informais e aplicação de entrevistas com questões semiestruturadas, voltadas para compreensão e descrição de relatos orais<sup>18</sup> de relevância social<sup>19</sup>, sobre fatos culturais, histórias, vivências, saberes e memórias dos sujeitos da comunidade em estudo.

Na apresentação e análise do *corpus* coletado, priorizou-se o registro dos sentidos atribuídos a cada termo, os nomes científicos<sup>20</sup> e os contextos de uso das variedades lexicais utilizadas pelos sujeitos da pesquisa. Os dados identificados estão organizados em um apêndice, que será anexado ao artigo, em ordem alfabética e correspondem a diferentes campos lexicais, a saber: palavras relacionadas à fauna, à flora, ao meio ambiente, ao transporte, à alimentação, à cultura, ao esporte, ao lazer e outros. A partir dos dados coletados, observou-se que, na RESEX Rio Ouro Preto, as populações tradicionais ribeirinhas possuem um léxico diversificado, construído em torno da realidade local e por influência sociolinguísticas originárias da formação histórico-cultural desse ecossistema. Os falantes expressam em suas falas suas visões de mundo e concretizam suas ideologias, vivências, saberes e memórias, constituindo, assim, uma linguagem singular tipicamente Amazônica.

Na pesquisa, foram apontados pelos entrevistados alguns itens lexicais característicos da RESEX Rio Ouro Preto. Essas palavras fazem parte

<sup>18</sup> Para Tarallo (2005), as narrativas de experiências pessoais, realizada pelo informante faz com que ele perca qualquer preocupação com a forma.

<sup>19</sup> De acordo com Bagno (2008) essas informações tem uma importância significativa, pois, ao se fazer o estudo sobre as variações linguísticas é necessário considerar os fatores sociais inerentes de cada falante ou comunidade de fala.

<sup>20</sup> Na atribuição dos nomes científicos, consideraremos os dados do seguinte relatório: CAMPOS, Simone Vieira de. Caracterização da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente – ICMBio, 2009.

do uso da linguagem cotidiana dos informantes e são utilizadas em torno das atividades agroextrativistas, ribeirinhas e do meio ambiente em que vivem. Encontramos, por exemplo: “anzol”, “zagaia”, “remo” e “espinheis” (que se referem a objetos e técnicas de pescarias) e outras palavras como: “brocar”- que são utilizadas para designar a abertura de área de roça, através da derrubada da vegetação. Foi também relatado pelos informantes o nome de algumas frutas nativas da região como: cupuaçu, biribá, graviola, ingá, pupunha, açaí, urucuri, bacaba, tucumã. E ainda nomes de alguns animais silvestres encontrados na RESEX.

Também foram observadas na fala dos entrevistados algumas expressões conservadoras que caracterizam as populações denominadas “tradicionais” e expressam suas marcas identitárias e o percurso histórico-cultural de sua formação. Dentre as expressões, foram encontradas: “colocação”, “seringa”, “sarnambi” e “folha fumada”.

Com a análise dos dados, percebemos os sentidos atribuídos a alguns itens lexicais como, por exemplo: “Mandioca” e “Macaxeira”- em outras localidades estes termos são vistos em sua totalidade como variantes lexicais, já na RESEX Rio Ouro Preto esses elementos possuem sentidos diferentes. Por outro lado, esse fenômeno não impede que haja a variação entre alguns moradores da região. Ainda com relação aos sentidos atribuídos ao léxico, identificamos a expressão “farinha d’água” (farinha puba- ou em outras localidades farinha amarela) e “farinha seca”. Muitos poderiam questionar o fato de que ambas são secas. No entanto, os nomes estão relacionados à forma como são produzidas. É o que podemos perceber no seguinte relato:

E- Como é feita a farinha?

I- Ah [...] o forno tá ali, põe a mandioca de molho naquela caixa [...] enche a caixa de macaxeira [...] põe para molar [...], tira a massa e prensa na prensa e torra no forno [...].

E- Que farinha é essa?

I- farinha puba, [...] eu vô lhi mostrar esse depositu tem farinha, [...] farinha bonita amarelinha oh [...] ali tem quase um saco de farinha, [...] (já ) a farinha seca é aquela ralada passada no caititu[...].

E- como faz a farinha seca?

Eu sei fazer ela, eu ralo ela na mão toso ela naquela tela verdi e torru ela e fica uma farinha pá(para) goma[...]. (INFORMANTE C)

Dessa forma, foram evidenciadas expressões que representam aspectos da identidade dos sujeitos que compõe a região como: “peixe

reimoso”- expressão local utilizada para designar os peixes “feras”; “peixe banido”- expressão utilizada para designar peixe em estado de putrefação; “tutano de fogo”- que se refere a tiros e outros. Essa ocorrência foi identificada no seguinte relato: “[...] o rapaz viu jacaré que era uma sepa (grande) [...] de repente apontou a espingarda pro (para o) rumo dele [...] saiu cada tutano de fogo [...]. ( INFORMANTE E)”

É importante ressaltar, que algumas variações lexicais das falas dos moradores da comunidade extrativista foram claramente evidenciadas nas entrevistas. Esses fenômenos linguísticos podem ser identificados nos relatos abaixo:

E- Que farinha é essa aí?

I- Farinha puba que chama também farinha d'agua.

(INFORMANTE C)

E- Quais os animais que existem aqui?

II- Animais sempre têm [...] tem o catete né (porco do mato) que aí pra fora chama assim de (porquinho), que a gente chama aqui, tem queixada também chamada de Porcão – queixada de tropa [...]

(INFORMANTE B)

III- Não, quem sabi das floresta é homi que anda nu matu...bichu qui tem aqui é, [...] cutia né, paca, porquinho né, aquele catete que chama [...]macaco prego [...]. (INFORMANTE C)

Observou-se que, no ato de interação comunicativa, as populações tradicionais da RESEX Rio Ouro Preto transformam e adequam os sentidos das palavras de acordo com a realidade vivida e com seus objetivos comunicativos. Nessa perspectiva, podemos evidenciar a criação de novas palavras a partir de itens lexicais já existentes, como por exemplo, a expressão “zagaiar” e “pascanar”.

Assim, há no léxico das populações tradicionais da RESEX Rio Ouro Preto elementos da realidade sociocultural e linguística que constituem as marcas identitárias dos sujeitos amazônicos e expressam as diversas relações que os indivíduos mantêm entre si e com os grupos que os quais convivem. Com essa análise, fica evidenciada a contribuição de fatores sociais e linguísticos que concorrem para a variação lexical desse ecossistema. Constatou-se que alguns traços linguísticos estão sendo infiltrados no falar da comunidade em estudo, seja pela interação com outras comunidades vizinhas (nesse caso, com comunidades indígenas) seja pela necessidade de convívio (escola, alimentação, saúde) com as comunidades urbanas. Assim, a



linguagem ribeirinha da RESEX Rio Ouro Preto é construída em torno de sua realidade sociocultural. O convívio do homem com a natureza faz com que ele crie sentidos para tudo o que está em sua volta.

### **Considerações finais**

Os resultados da pesquisa evidenciaram que nas interações sociais, no contexto ribeirinho-extrativista, os sujeitos preservam marcas identitárias linguísticas e culturais de uma sociedade com características rurais tipicamente amazônicas, mas que, são influenciadas socialmente e culturalmente pelas comunidades urbanas, permitindo que haja entre os falantes a oscilação entre o falar rural e o falar urbano.

Os estudos sócio-históricos evidenciaram que os moradores da comunidade Nova Colônia, na RESEX Rio Ouro Preto apresentam um perfil sociocultural e histórico peculiar para os estudos linguísticos. Constatou-se que as mudanças e as variações linguísticas são condicionadas por fatores diversos, inerentes de cada falante, dentre eles, destacamos que os aspectos de relevância histórica, política e social permitem o surgimento de uma diferenciação linguística entre os sujeitos, fazendo com que eles se tornem singulares em meio de uma população plural.

Contatou-se, que há, dentre os elementos formadores do léxico, fatores que concorrem para a variação linguística-lexical, que vão desde aspectos linguísticos até os fatores sociais como: a área geográfica onde está situada a Reserva Extrativista Rio Ouro Preto, o grau de escolarização de seus falantes, as profissões desempenhadas por seus moradores, as influências socioculturais e históricas que permearam sua formação.

Constatou-se que os informantes conservaram em suas falas palavras e expressões típicas do contexto rural-ribeirinho e que também expressam as marcas do português não padrão – PNP. Dessa forma, consideramos que muitos fenômenos linguísticos observados durante a pesquisa de campo precisam de análises mais consistentes e de estudos mais aprofundados. Assim sendo, o registro e a valorização dos saberes, das

experiências e das vivências dos moradores da RESEX Rio Ouro Preto<sup>21</sup>, contribuirão para a produção científica do conhecimento e para a compreensão da constituição das comunidades e das populações tradicionais na Amazônia.

### Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: **por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BISPO, Sheila da Costa Mota. **Linguagens e identidades da/ na Amazônia sul ocidental**. Rio Branco: Edufac, 2010.

\_\_\_\_\_. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMPOS, Simone Vieira de. Caracterização da Reserva Extrativista Rio Ouro Preto. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente – ICMBio, 2009.

COUTO, Hildo Honório do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contatos de língua**. São Paulo: Contexto, 2009.

DA HORA, Dermeval (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: UFPB/ILAPEC, 2004.

DORIA, Carolina R. C. & AZEVEDO-RAMOS, Cláudia. **Ecoturismo na Amazônia: Alternativa de Renda para Comunidades Locais?**-Porto-Velho: EDUFRO, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transcultural idade**. São Paulo: Amablume, 2004.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Guia do trabalho científico: do projeto à redação final, monografia, dissertação e tese**. São Paulo: Contexto, 2011.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LOUREIRO, João Jesus Paes: **obras reunidas**. Poesia I. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

---

<sup>21</sup> Destaca-se também que a RESEX é composta por muitos povos, territorialidades, histórias, memórias, representações, linguagens e biodiversidades, constituindo, assim, vivências singulares e saberes inestimáveis.

MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Anna Christina: **Introdução à Linguística – v.1e 2: domínios e fronteiras**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008-2009.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: ática. 2005.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Historia geral: Rondônia/ Marco Antônio Domingues, Dante ribeiro da Fonseca**. ed. 2º Porto –Velho. Rondoniana, 2001.